



---

### Crise e tempo

**Autor(es):** Ribeiro, António Sousa

**Publicado por:** Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

**URL persistente:** URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/32266>

**Accessed :** 31-Dec-2020 16:31:46

---

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.





# BIBLOS

REVISTA DA FACULDADE DE LETRAS  
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

## CRISE E TEMPO

Etimologicamente, “crise” significa “momento de decisão”, “mudança súbita”. Na sua aplicação, hoje omnipresente, no âmbito da economia, a palavra entrou em circulação nas diversas línguas europeias a partir do século XIX, traduzindo as lógicas de contraciclo inerentes à dinâmica do capitalismo, com todas as suas consequências. Na reflexão do século XX, o conceito ganha centralidade, seja do ponto de vista da reflexão histórica sobre as sucessivas convulsões de vários tipos que marcaram a “era dos extremos”, seja na reflexão filosófica, sociológica ou estética sobre a crise de uma modernidade cujos limites se iam tornando crescentemente visíveis. É assim que o conceito de crise subjaz por inteiro à crítica à dialéctica do Iluminismo, enquanto prevalência última daquela racionalidade instrumental que hoje, para o cidadão comum, encontra a manifestação mais palpável na lógica dos mercados.

O discurso da crise é uma narrativa que define limites aparentemente intransponíveis ao quadro do pensável e que, como qualquer discurso, cala tanto quanto fala. Mas, na verdade, como nos lembra Hannah Arendt, o aspecto produtivo de uma situação de crise está em que “nos força a fazer as perguntas outra vez”. Uma crise “só se transforma numa calamidade se a resposta que lhe dermos forem juízos prontos a usar, isto é, preconceitos”. O tempo da crise é, pois, um tempo que há-de definir-se, não tanto pela tirania de um presente supostamente inquestionável, mas, muito mais, pela possibilidade futurante do emergir da crítica e da eventualidade da transformação – económica, política, social, cultural. É, pois, a capacidade de reformular as nossas perguntas e respostas e, assim, de abrir portas ao confronto criativo e à produção de alternativas que é posta à prova.

Foi a partir destas reflexões sumárias que o presente número da *Biblos* se abriu a propostas de colaboração. As respostas que chegaram

distribuem-se por um leque amplo de temáticas e situam-se em campos disciplinares muito diversos. Confluem, no entanto, num conjunto de preocupações comuns. Sendo certo que só nalguns casos sobressai uma referência directa à actualidade, o conjunto denso de reflexões aqui reunido oferece contributos para repensar a questão da crise e do tempo da crise cujo significado o leitor mais atento facilmente discernirá.

Completa o número um conjunto de trabalhos sobre temáticas várias.

*António Sousa Ribeiro*